



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7383 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 05 - Estado e Política Educacional

### TRABALHO DOCENTE FACE À PANDEMIA: REFLEXÕES E PRÁTICAS SOBRE O COTIDIANO DOCENTE NA CRISE SANITÁRIA

Cristina Miyuki Hashizume - UMESP - Universidade Metodista de São Paulo

Elisabete Ferreira Esteves Campos - UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Agência e/ou Instituição Financiadora: NÃO SE APLICA

#### **trabalho docente face à pandemia: reflexões e práticas sobre o cotidiano docente na crise sanitária**

Em meio à atual crise sanitária, que vem se arrastando há, pelo menos, seis meses, percebemos impactos na economia, aumentando o desemprego e a pobreza, tornando o cenário adverso, principalmente para a parcela da população que tem mais dificuldades sócio-culturais, considerados vulneráveis ou precarizados. Temos nos deparado com um discurso negacionista da doença e do papel do estado neste momento de crise, opondo-se às medidas sanitárias defendidas por organizações internacionais de saúde, negligenciando e desconstruindo políticas importantes para o enfrentamento da grave crise.

O objetivo da pesquisa é discutir as condições de trabalho na pandemia e as estratégias utilizadas pelos docentes no atendimento aos alunos do ensino fundamental das redes municipal e estadual de São Paulo, a partir de depoimentos de docentes. Também temos como objetivos secundários e em sintonia a objetivos maiores de nosso grupo de pesquisa: compreender teórico-metodologicamente as condições de trabalho a partir de pressupostos da formação docente no âmbito da unidade escolar conforme o Projeto Político-Pedagógico das escolas; compreender a relação entre formação e trabalho docente; articular a prática pedagógica e suas condições de trabalho com a concepção de gestão que subjaz as decisões na educação.

O trabalho original aqui apresentado se constitui numa pesquisa qualitativa, de *método* documental-bibliográfico e empírico (depoimento de três docentes representantes da APEOESP, associação dos professores da rede estadual do Estado de São Paulo), que atuam também junto à prefeitura de São Paulo. O depoimento, balizado por roteiro semiestruturado sobre o trabalho docente na pandemia foi gravado e posteriormente enviado aos docentes participantes para assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussão: Os três docentes descrevem a implementação do sistema remoto por *software* próprio da secretaria estadual da educação, sem devida preparação dos docentes e do sistema em relação ao perfil da comunidade escolar. Nas férias de julho, tiveram capacitação sobre *softwares* e ensino remoto. São nítidas, nos relatos, as condições materiais que provocam o sofrimento de forma sistematizada. Quadros de ansiedade,

síndrome do pânico, principalmente por docentes que não dominam as ferramentas tecnológicas têm sido recorrentes e relatados ao sindicato. O modelo teórico do desgaste mental, em que analisamos as condições de trabalho em que o indivíduo se insere, nos dá margem para análises sobre o cenário apresentado: o controle do trabalho pela gestão, o desgaste humano nas relações com alunos e pais e a carga de trabalho (dupla ou tripla, no caso de professoras mulheres) (SELLIGMANN-SILVA, 2010, FRANCO et al, 2010; BERNARDO, 2011.)

Também há fatores que precisam ser considerados como pano de fundo do trabalho: as jornadas de trabalho extensas necessárias pelo alto custo de vida, a violência nas escolas/doméstica... tal cenário engendra para cada docente um modo de encarar o trabalho, além de todas as situações atípicas da pandemia.

O acirramento e exploração da mão de obra nos diferentes setores de trabalho se mostram presentes também na educação, precarizando uma situação laboral já bastante esgarçada: as práticas privadas nas escolas públicas em nome do discurso da eficiência. Nesse sentido, em meio à pandemia, as tecnologias da informação são apresentadas à comunidade escolar como sinônimo de eficiência e garantia da qualidade do ensino através do cumprimento do calendário escolar e dos conteúdos previstos. Os professores relatam ameaças de corte de ponto, relatórios para se provar que estão dando aulas, avaliações constantes do desempenho de professores. Tal cenário tem feito muitos professores ou anteciparem suas aposentadorias ou solicitarem afastamento médico por não conseguirem cumprir as exigências do trabalho remoto de *home office*. A atividade docente depende de contato social para a construção de relações, senso de pertencimento na formação do jovem. O trabalho docente tem se intensificado, seja em sua jornada de trabalho ou pelo uso *full time* de ferramentas tecnológicas particulares que acarretam impactos psicológicos diversos. Tais ferramentas tecnológicas são utilizadas por gestores educacionais, partindo-se do princípio de que docentes não cumprem seus deveres (neotaylorismo?). Perícias indeferem afastamentos, invalidam a readaptação, expõem professores a riscos desnecessários, demandam do professor desgastes e pedidos de recurso em relação às negativas. É importante considerarmos a questão de gênero nas condições de trabalho e sociabilidade: professoras têm sido mais afetadas em relação à invasão do tempo livre e aceleração do tempo produtivo, tendo suas vidas pessoal e profissional intensificadas.

O isolamento físico impacta na continuidade de alianças coletivas, principalmente neste momento de adaptação dos docentes, o que enfraquece a problematização sobre condições de trabalho frente aos controles gerenciais. Práticas como gravações, cobranças por relatórios, exigências para além do tempo de trabalho têm ocupado sindicatos em relação a providências que podem ser tomadas para minimizar o sofrimento dos docentes. O cuidado com as informações sobre professores também é algo que preocupa, já que informações de cunho administrativo têm circulado em redes sociais e e-mails, o que tem sido sentido como assédio. Atravessados por outras demandas mais “urgentes e necessárias”, como a burocracia escolar, avaliações e cobrança por produtividade, o docente precisa continuar lecionando, porém, está sofrendo e adoecendo. A grande exposição da subjetividade do docente em redes sociais, gravações e o uso do direito de imagem misturam aspectos públicos e privados no trabalho em *home office*, que ocasionam problemas emocionais.

Relatos ouvidos têm explicitado uma sensação literal e simbólica de aprisionamento: pelas normas, hierarquização, medo da demissão ou represálias pela gestão, além da perda de liberdade que gera sofrimento no trabalho (sensação de sufocação, aperto e esmagamento). Relatos de perda de sono e pesadelos têm explicitado o alto nível de ansiedade na crise sanitária, intensificando sintomas de quem já tinha transtornos psicológicos/psiquiátricos, e que vêem seus sintomas serem acentuados.

Considerações: O esgotamento, aliado ao medo da doença, nos chama a atenção ao que é necessário se oferecer aos docentes nesse momento de crise: informação confiável, orientação psicológica para conter a tensão, a tristeza e o tédio e também atendimento assistencial a quem já tem transtornos prévios à crise. Nesse sentido, governo e secretarias de educação precisariam ser mais sensíveis às demandas dos professores, investindo em formação coletiva em serviço e na qualidade da formação oferecida pela rede de ensino. O cenário mais amplo de precarização das relações de trabalho também nos permite compreender melhor essa questão, sendo insuficientes intervenções médicas frente ao adoecimento docentes que vem se acentuando no cenário pandêmico.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Saúde. Condições de trabalho docente.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020.

BERNARDO, M.H. *et al* . Ainda sobre a saúde mental do trabalhador. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo , v. 36, n. 123, p. 8-11, June 2011.

DUNKER, C. L. *A arte da quarentena para principiantes*. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo , v. 35, n. 122, p. 229-248, Dec. 2010

SELIGMANN-SILVA, Edith *et al* . O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo , v. 35, n. 122, p. 187-191, Dec. 2010 .